



A VISIBILIDADE DAS EXPOSIÇÕES DE OTTO STUPAKOFF

THE VISIBILITY OF OTTO STUPAKOFF'S EXHIBITIONS

Patricia Kiss Spineli / UNICAMP
Edson do Prado Pfützenreuter / UNICAMP

RESUMO

Esse artigo apresenta e comenta as exposições do fotógrafo Otto Stupakoff realizadas no Brasil entre as décadas de 1960 e 2000. Destaca-se a importância dessas exposições para a visibilidade da produção do fotógrafo frente ao público e a relevância das mesmas para o próprio fotógrafo. Também são discutidas algumas diretrizes adotadas na incorporação de obras em acervos de instituições, sendo que essas obras passam a ser peças de exibição.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; MASP; IMS; Petite Galerie.

ABSTRACT

This paper presents and discusses the photographer Otto Stupakoff's exhibitions made in Brazil between the 1960s and 2000s. In this respect, the importance of these exhibitions is emphasized for the visibility of the photographer's production vis-à-vis the public and the relevance of the same to the photographer. It also discusses some guidelines adopted in the incorporation of his works to the institutions collections. So these works become pieces of exhibitions.

KEYWORDS

Photography; MASP; IMS; Petite Galerie.

Introdução

Otto Stupakoff foi em seu tempo o mais reconhecido fotógrafo brasileiro no exterior muito por conta da qualidade e criatividade dos seus trabalhos. Também era descrito por muitos como um homem de notável cultura e inteligência (FERNANDES JUNIOR, 2006).

Sua fase mais produtiva ocorreu durante seus períodos em Nova York e Paris, quando ele fotografou para revistas *Vogue*, *Harper's Bazaar*, *Glamour*, *Esquire*, *Elle*, *Marie Claire*, *Look*, e *Stern*, e no Brasil, com trabalhos para as revistas *Manchete*, *Cláudia*, *Vogue Brasil*, *Realidade* e *Senhor*. Suas séries fotográficas mais conhecidas são as que registram moda e retratos de pessoas do meio político e artístico. Entre eles, estão o ex-presidente dos EUA Richard Nixon, as atrizes Sharon Tate e Sophia Loren, o escritor Truman Capote e Jorge Amado, o atleta Pelé, os músicos Tom Jobim e Dorival Caymmi e a apresentadora Xuxa. Entre as obras de Stupakoff menos conhecidas, mas não menos importantes, estão seus retratos de desconhecidos, nus femininos, viagens, famílias, *still life* e instantâneos de rua, retomadas após 2005 em decorrência da repatriação do fotógrafo, de exposições contemporâneas e de lançamentos dos livros *Otto Stupakoff* (FERNANDES JUNIOR, 2006) e *Sequências: Otto Stupakoff* (INSTITUTO MOREIRA SALLES, 2009).

Para além da fotografia e dentro do âmbito artístico, Stupakoff desenvolveu outras expressões pessoais em sua trajetória de vida, como uma significativa produção de colagens e assemblages. Em 1958 iniciou seus trabalhos em multimídia (na época vista interação entre vídeo e fotografia) e colagens, em 1963 na pintura e em meados da década de 1990 o fotógrafo diminuiu significativamente sua atuação na fotografia e se dedicou à pintura, colagens, esculturas e desenho. Apesar dessas incursões em outras atividades artísticas, seu foco de produção profissional e expressão pessoal continuou sendo a imagem fotográfica, para qual julgava ser a fotografia de moda a (...) a única que propicia ao fotógrafo a oportunidade de se expressar tanto quanto uma ilustração, um trabalho editorial, uma reportagem (STUPAKOFF in FERNANDES JUNIOR, 2006, p. 157), por isso sua maior dedicação profissional, mas não exclusiva, a esse segmento fotográfico.

Pioneiro na fotografia de moda e publicidade no Brasil no final dos anos 1950, Stupakoff apresentou a fotografia como expressão pessoal e criativa e contribuiu para o desenvolvimento e enriquecimento da cultura visual brasileira. Ao mesmo tempo, sempre procurou condições para a realização de um trabalho autoral, mantendo intercâmbio artístico com a comunidade de artistas plásticos de São Paulo. Em seus ensaios de moda e retratos, Stupakoff frequentemente fazia referências a grandes pintores: em suas obras, fica claro o olhar e a citação de referências artísticas como ao pintor francês Balthus (1908-2001), constatada na foto *Homenagem a Balthus* (1991) exposta na edição Pirelli/MASP de 2012.

Devido em parte por sua migração para o exterior nas décadas de 1960 a 1970 e de 1980 até 2000 para consolidação de carreira internacional, Stupakoff foi quase imêmore em seu país, só vindo a ser resgatado nos anos 2005 com a mostra *Moda Sem Fronteiras - Otto Stupakoff: 1955-2005* exposta na Fashion Week e com curadoria dos fotógrafos Fernando Laszlo e Bob Wolfenson (WOLFENSON, 2009).

Em relação à veiculação e apresentação de fotografias, essas podem ser feitas de diversas maneiras: jornais e revistas, exposições, álbuns de família, projeções, e em variados suportes, materiais e técnicas. Um local e momento privilegiado de veiculação de fotografias são as exposições, principalmente quando ocorrem em lugares de importância no cenário artístico e cultural.

No Brasil, é sabido que o Museu de Arte de São Paulo (MASP) possui desde 1947 (ano de fundação do museu) um histórico de realização de exposições nacionais e internacionais de fotografia assim como de outras atividades relacionadas à prática fotográfica (TABOADA, 2011). Em 1976, foi criado o Departamento de Fotografia do MASP, sob a supervisão de Cláudia Andujar e no mesmo período, o então diretor Pietro Maria Bardi manifestou o interesse institucional pela aquisição de fotografias com o intuito de formar uma coleção (SOARES, 2006). Também podemos destacar a atuação dos foto clubes nas organizações e apresentação de fotografias em exposições desde os anos 1940. Foram os fotoclubistas do Foto Cine Clube Bandeirantes os responsáveis pela organização da mostra que introduziu definitivamente a fotografia nas exposições oficiais da Fundação Bienal de São Paulo em 1965 (COSTA; SILVA, 2004).

Nesse contexto das exposições de fotografia, esse artigo discute algumas apresentações das imagens de Stupakoff e destaca a importância destas para a visibilidade de sua produção, assim como a relevância para o próprio fotógrafo.

A visualização da produção de Otto Stupakoff por meio de exposições

“A fotografia não é arte secundária”
Otto Stupakoff¹

As exposições mais significativas na carreira de Stupakoff foram realizadas no Brasil: MASP/1978, São Paulo Fashion Week /2005, IMS/2009 e IMS/2016–2017. Essas foram eleitas como as mais significativas porque, além de terem sido individuais, voltadas exclusivamente para a obra do fotógrafo, também mostram um panorama de sua produção, com uma significativa quantidade de imagens expostas.

MASP/1978 contemplou as fotografias que fazem parte do acervo do museu de arte, São Paulo Fashion Week/2005 marcou retomada do fotógrafo no Brasil, IMS/2009 foi uma mostra apresentando seu acervo depositado no Instituto Moreira Salles e IMS/2016–2017 trouxe uma retrospectiva que aborda mais profundamente sua obra. Também são comentadas outras exposições de importância ímpar e que foram marcos na carreira de Stupakoff, como a da Petite Galerie em São Paulo, primeira vez em que expôs fotografias e colagens em uma galeria de arte.

Os anos de 1960 impulsionaram os fotógrafos brasileiros a conquistarem espaços tradicionalmente consagrados às artes plásticas. Dentro desse contexto, a Petite Galerie de São Paulo, reconhecida galeria da época por sua significativa programação, expôs o trabalho de fotografias e colagens de Stupakoff em 1963.

A entrada da fotografia nos museus de arte já ocorrera na década de 1950 – no MASP Thomaz Farkas foi em 1948 o primeiro fotógrafo a realizar uma mostra individual em um museu de artes – mas foi na década de 1960 que a fotografia ingressou no circuito comercial via galeria de arte (COSTA; SILVA, 2004), um recinto consagrado às artes plásticas que, a partir desse período, estendeu-se à fotografia.

Stupakoff não foi o primeiro a expor e vender fotografias em espaços de arte, visto que tentativas parecidas já haviam ocorrido em São Paulo (SALVATORI apud COSTA; SILVA, 2004). No entanto, a exposição na Petite Galerie (Figura 1) se

destacou por ter ampla cobertura de críticos tradicionalmente vinculados às artes, com resenhas aparecendo em jornais, revistas e suplementos literários e artísticos. Essa foi a primeira exposição individual de fotógrafo em uma galeria de arte no Brasil e a primeira vez que esta galeria em específico apresentava algo do gênero: “Mediante dois processos assimétricos, a colagem e a fotografia, Otto Stupakoff apresenta sua exposição dupla na Petite Galerie” (VEIRA, 1963, p.3).

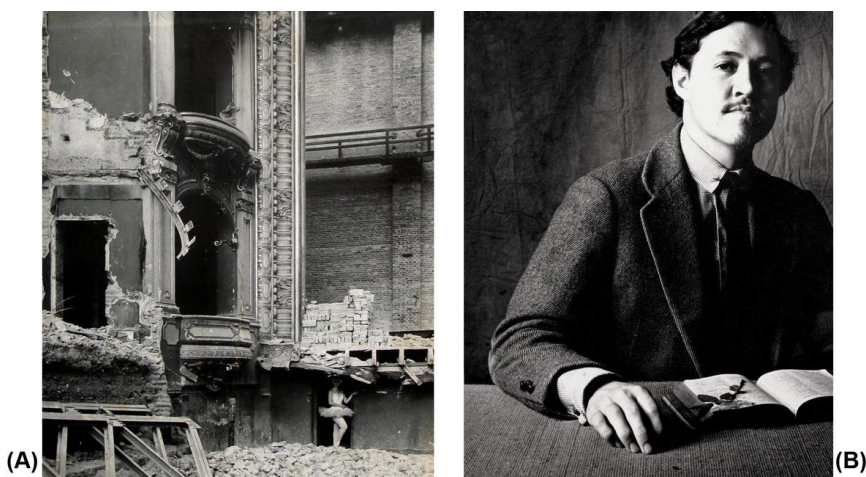


Figura 1. Exposição da Petite Galerie, 1963: (A) Teatro Santana, 1962; (B) Wesley Duke Lee, circa 1958. Fonte: Instituto Moreira Salles.

Aberta em 21 de janeiro de 1963 a exposição contava com 50 fotografias e 15 colagens e teve organização e curadoria do fotógrafo Lew Parella, o texto para o folder da mostra enfatiza algumas características importantes da fotografia de Stupakoff, principalmente seu aspecto de construção e a experiência com trabalhos na área de publicidade:

[...] As fotos da exposição convidam-nos a especular em como é inata sua inclinação a construir, ou em quanto a sua experiência em ilustração de propaganda influenciou as suas abordagens pessoais. [...] Em expressões que seguem a tradição dos grandes fotógrafos do passado, mas que nos dizem das coisas dos dias de hoje. (PARELLA in PETITE GALERIE, 1963, p. 2).

De maior monta, porém, foram as exposições de Stupakoff no Museu de Arte de São Paulo (MASP), na São Paulo Fashion Week e no Instituto Moreira Salles. Como já foi apontado, o MASP, desde a sua fundação em 1947, possui um histórico de realização de exposições nacionais e internacionais de fotografia de viés autoral, assim como de outras atividades relacionadas à prática fotográfica (TABOADA,

2011). Em 1976, foi criado o Departamento de Fotografia do MASP, sob a supervisão de Claudia Andujar. No mesmo período, o então diretor Pietro Maria Bardi manifestou o interesse institucional pela aquisição de fotografias e itens relacionados, com o intuito de formar uma coleção com verba própria ou através de doações (SOARES, 2006). Desde então, diferentes conjuntos fotográficos considerados pelo seu potencial arquivístico têm sido incorporados ao acervo artístico do MASP.

Dentro desse contexto histórico de exposições fotográficas no MASP, Stupakoff apresentou, a convite de Pietro Maria Bardi, uma antologia de 20 anos de sua carreira em uma mostra individual viabilizada em 1978 (Figura 2), com imagens selecionadas pelo próprio fotógrafo (STUPAKOFF, 1978). Nos anos 1990, Stupakoff também teve algumas de suas imagens expostas e incorporadas ao acervo da Coleção Pirelli/MASP nas edições 1 (de 1991), 12 (de 2003) e 19 (de 2012).



Figura 2: Exposição no MASP/1978. (A) Truman Capote, EUA, circa 1970; (B) Denpasar, Bali, 1968. Fonte: Instituto Moreira Salles.

Pietro Maria Bardi, diretor do museu na época, já demonstrava claro interesse nas fotografias de Stupakoff. Os primeiros contatos com o fotógrafo para uma exposição datam do começo da década de 1970. Esse apreço também foi demonstrado ao editar um álbum de fotografias de Stupakoff pela galeria Mirante das Artes da qual Bardi era proprietário.

A exposição MASP/1978 originou a publicação do livro *Otto Stupakoff* pela Práxis Gráfica Propaganda e Editora² (STUPAKOFF, 1978) contendo 56 imagens, tiragem de 1.000 exemplares com projeto gráfico de Wesley Duke Lee. Nesse contexto estava sendo desenvolvido no Brasil um mercado editorial para fotografias, e a

editora Práxis promove produtos de qualidade em padrão e acabamento gráfico (KNYCHALA, 1980). Stupakoff, no entanto, considerava o catálogo publicado uma amostra insuficiente da sua produção – pelo processo de seleção para escolha das imagens ali contidas (STUPAKOFF, 1978), foram inseridas apenas 54 das 80 imagens expostas.

Ainda assim, Stupakoff considerou a exposição MASP/1978 a maior já realizada. Era a terceira vez que Bardi o convidava naquela mesma década; das outras vezes o fotógrafo não aceitou por dizer-se despreparado (STUPAKOFF, 1978).

O profissionalismo do fotógrafo manifesta-se no senso crítico com o qual ele olhava para seu trabalho e ficou evidente na hesitação do fotógrafo perante o convite de Pietro Bardi para expor ainda no início da década de 1970 no MASP. Percebe-se em carta endereçada a Bardi de Nova York em 22 de maio de 1970 que negociações datam do início daquele ano. Stupakoff diz:

Caro Bardi, Ainda em tempo. Perdoe-me se me deixei levar pelo entusiasmo do teu convite. Recentemente parei para olhar o trabalho que aprontei para te mandar, revi as estrelas e apresso-me em te dizer que uma exposição no momento é prematura. Espero mesmo muito que teu convite se renove, quando eu sentir que a qualidade então mereça uma exposição na grande sala. (STUPAKOFF, 1970).

Ao que Bardi responde em telegrama:

Considero você personalidade autêntica da fotografia contemporânea (stop) compreendo suas dúvidas mas quando você estiver pronto museu lhe abrirá suas portas.” (BARDI, 1970).

Sabemos que a exposição somente se concretizou em 1978 com a apresentação da retrospectiva de 20 anos de carreira.

Essa exposição foi importante na apresentação nacional do trabalho de Otto Stupakoff, tanto por apresentar uma retrospectiva de sua carreira quanto por despertar interesses em outros profissionais, como do fotógrafo Bob Wolfenson, que conheceu o trabalho de Stupakoff via exposição do MASP (Wolfenson, 2017³).

Os caminhos de Wolfenson e Stupakoff se cruzaram novamente décadas depois. Com curadoria de Wolfenson e do também fotógrafo Fernando Laszlo, a edição de 2005 da São Paulo Fashion Week apresentou a exposição *Moda Sem Fronteiras: Otto Stupakoff 1955 – 2005*. Essa exposição (Figura 3) contou com cerca de 80

imagens e alguns painéis, uma ontologia dos 50 anos de profissão do fotógrafo. Segundo Wolfenson³ (2017) e Laszlo⁴ (2017), a direção da curadoria foi a de contemplar a fotografia de moda e retratos de personalidades pelo próprio viés da Semana de Moda. Como ressaltado anteriormente, essa exposição teve importância ímpar para o ressurgimento do fotógrafo no Brasil e na sua volta à fotografia.

Os curadores acessaram o acervo de Stupakoff espalhado entre a residência do fotógrafo e de alguns dos seus filhos para fazer a seleção do material (Wolfenson³ e Laszlo⁴, 2017) (STUPAKOFF in Chagas, 2005). O próprio Stupakoff acompanhou e interagiu com os curadores para a identificação das obras.



Figura 3. Exposição Fashion Week, 2005: (A) Harper's Bazaar, Tarran Hills, Austrália, 1968; (B) Homenagem a Balthus, Harper's Bazaar, Nova York, 1991. Fonte: Instituto Moreira Salles.

Quatro anos depois, o Instituto Moreira Salles (do Rio de Janeiro) realizou uma nova exposição (Figura 4). A Curada por Sérgio Burgi, ela explorou os cinquenta anos de fotografia de Stupakoff e foi direcionada para os retratos de personalidades –Tom Jobim, Jack Nicholson, Sharon Tate, Truman Capote, entre outros – , e imagens menos conhecidas –instantâneos de rua (Sudeste Asiático, México, Índia), nus e geometrismos. Essa exposição no IMS foi uma retrospectiva de 89 imagens em preto e branco, com apenas uma colorida (*Jardins de Boulogne*, publicada na revista *Town & Country* nos anos 1970) em formatos variados de impressões (Folha de São Paulo em 21 de agosto, 2009). Também foram contempladas algumas outras fotografias da sequência como da série *Homenagem a Balthus*.



Figura 4. Exposição IMS 2009. (A) Ansiedade, 1990. (B) Sharon Tate, Harper's Bazaar, 1967.
Fonte: Instituto Moreira Salles.

Segundo Sérgio Burgi a reunião das imagens feitas pelo IMS em 2009 foi uma introdução ao trabalho de Stupakoff: “Discuti muito com o Otto essa mostra, é uma espécie de cartão de visitas à obra dele, que ainda tem muito a ser estudada” (GIOIA, 2009, p. 5) e “Quisemos fazer uma exposição inicial para mostrar como havia uma interface entre sua linguagem pessoal e seu trabalho de moda” (VELASCO, 2009, p.1). Essa exposição estava programada como uma precursora da retrospectiva de Stupakoff programada pelo IMS para 2011 após a digitalização de todo o acervo (VELASCO, 2009, p.1), mas foi aberta ao público somente em no final de 2016.

Entre dezembro de 2016 e abril de 2017, o IMS no Rio de Janeiro apresentou uma retrospectiva dedicada à obra de Stupakoff intitulada *Otto Stupakoff: beleza e inquietude* com curadoria de Bob Wolfenson e Sergio Burgi, a maior já realizada até o momento (Figura 5). Essa retrospectiva reuniu aproximadamente 300 fotografias, publicações e vídeos como um recorte da extensa produção do fotógrafo, realizada entre 1955 e 2005. Abordou quatro temas principais: (1) anos 1950 com formação e primeiros trabalhos; (2) de 1960 a 1970 e sua colaboração com as principais revistas de moda do mundo; (3) sua série de nus; e (4) fotografias de viagens. Um diferencial da apresentação da obra de Stupakoff foi a inserção de colagens e *assemblages* resultado de sua atuação nas artes plásticas ao longo de toda a sua trajetória.



Figura 5. Exposição IMS, 2016/17: (A) Vogue francesa, Baden-Baden, 1974; (B) Saigon, Vietnã, 1968. Fonte: Instituto Moreira Salles.

Segundo Burgi, o intuito da retrospectiva foi revelar as múltiplas facetas da obra de Stupakoff (TESSITORE, 2016) e dar uma visão ampla da trajetória do fotógrafo. Essa visão foi confirmada por Bob Wolfenson, também curador, que salientou a prática dos curadores em imergir na obra de Stupakoff e encontrar novos nexos para além da figura conhecida como fotógrafo de moda e apresentar um Stupakoff multifacetado (REINA, 2016).

Eventos menores, mas não menos importantes, também contaram com obras de Stupakoff. Sua primeira exposição individual no Brasil data de 1955 no Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano (ICBNA), em Porto Alegre. Na ocasião, foram expostas fotografias em preto e branco e cor oriundas do seus trabalhos de formação em Los Angeles.

Pode-se destacar também as mostras coletivas na Oca/Rio de Janeiro em 1956, no New York World Fair, Pavilhão Kodak em Nova York (com o tema *O mundo e seus povos*, na qual obteve medalha de prata), no Museu Municipal Hague na Holanda em 1964 e na 43ª Exhibition of the Art Director's Club of New York (em que recebeu certificado de mérito). Também no Brasil, foram importantes as mostras coletivas: *Criança brasileira*, encomendada pela Vasp, no Museu de Imagem e Som/RJ, em 1979; em 1985, no MAC/USP, uma retrospectiva da produção fotográfica dos anos 1960; participação na Coleção Pirelli/MASP nas edições 1 (1991), 12 (2003) e 19 (2012); 3º Jamenson Mostra SP de Fotografia em 2012; e na exposição de parte do acervo do Museu de Arte Brasileira da FAAP, a *Momentos e Movimentos* em 2012. Além disso, Stupakoff também apresentou fotografias em galerias como

Underground Gallery (Nova York, em 1964), Galeria Luz e Sombra⁵ (Rio de Janeiro, em 1980), Staley-Wise Gallery (Nova York, em 1982, 1992 e 1994), Pequena Galeria Mario Cohen (em São Paulo, após os anos 2000) e na Leo Burnett (São Paulo, em 2007).

A visibilidade do autor através das exposições

A incorporação de fotografias em acervos de instituições museológicas ou galerias, que depois resultam em exposições das obras desses acervos, depende do estabelecimento de diretrizes que traduzem a visão do museu. Isso pode ser visto nos exemplos de instituições que incorporaram fotografias de Stupakoff em seus acervos, como Museu de Arte Brasileira da FAAP - MAB, MASP/PIRELLI e Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM.

Diante da exposição de parte do acervo do Museu de Arte Brasileira da FAAP na segunda edição do Circuito de Fotografia, o curador Rubens Fernandes Junior comenta que a diretriz para incorporação de trabalhos fotográficos no MAB é seguir critérios de excelência técnica e singularidade da imagem para formar um conjunto que contemple uma visão ampla da fotografia autoral, em termos técnicos e expressivos, e que tenha uma presença destacada no panorama das artes visuais (FERNANDES JUNIOR, 2002).

Na Coleção Pirelli/MASP estão obras de fotógrafos com representação e influência significativas na fotografia nacional favorecendo o investimento em talentos emergentes e o resgate de importantes fotógrafos relevantes para a fotografia no Brasil (caso de Otto Stupakoff, objeto de estudo do presente artigo).

Ao que consta, parece ser o estilo do autor um indicativo para a inserção de determinada fotografia na Coleção Pirelli/MASP através do reconhecimento daquilo que o pesquisador Rubens Fernandes Júnior (membro do Conselho Deliberativo 1991 - presente) chama de “atitude do fotógrafo diante do mundo, sua percepção e sua construção de um sistema de equivalências estéticas ou semânticas” (FERNANDES JÚNIOR, 1992), que contribuiria para a sua inserção na coleção de um importante museu. Nessa mesma linha o pesquisador Boris Kossoy (membro do Conselho Deliberativo desde 1991) afirma que as diretrizes básicas para a seleção e

aquisição de obras são privilegiar a visão de mundo do fotógrafo, sua criatividade, seu olhar diferenciado para apreender uma dada situação real e transformá-la em imagem-síntese (KOSSOY, 1991, p.6).

Esse modo de ver do fotógrafo parece ser um dos argumentos para justificar a inserção de fotografias no acervo do MASP e transportá-las ao espaço expositivo institucionalizado ligado à arte (MASP). Entre a diluição da especificidade da fotografia (fotojornalismo, moda, retrato, entre outros) e a defesa de sua autonomia como meio, a Coleção Pirelli/Masp está relacionada com a legitimação da especificidade da fotografia e de seu estatuto como obra autônoma de caráter autoral. Dentro dessa conjuntura, o MASP como museu de arte prevê que a seleção das imagens para a exposição e coleção também tenham um viés estético.

Parte das fotografias expostas na São Paulo Fashion Week, 2005, foram doadas ao MAM por Stupakoff. Nesse trâmite, a diretoria do MAM vigente à época, selecionou algumas fotografias e colagens para incorporar ao acervo do museu e não acolheu todo material oferecido por indisponibilidade de meios para conservar matrizes na instituição (Laszlo⁴, 2017). Algumas das imagens incorporadas no acervo foram posteriormente viabilizadas ao público através das exposições coletivas Poder Provisório de 2014 e O útero do mundo de 2016.

Ao fazermos uma compilação dos elementos apontados por estas pessoas responsáveis pela seleção e aquisição de obras fotográficas podemos ver critérios de seleção um tanto quanto objetivos. Embora não possamos argumentar que o trabalho de Stupakoff contemple todos estes critérios, a inserção dele nestas coleções visando exposições permite afirmar que seu trabalho deve atender boa partes dos quesitos, a saber: (1) fotografia autoral, em termos técnicos e expressivos / obra autônoma de caráter autoral; (2) presença no panorama das artes visuais; (3) atitude do fotógrafo diante do mundo; (4) percepção do fotógrafo / visão de mundo / olhar diferenciado / criatividade; (5) sistema de equivalências estéticas ou semânticas.

Um elemento que seria importante como continuidade desta investigação é mostrar como cada um destes critérios aparecem nas fotografias de Stupakoff, no entanto

esta tarefa nos afastaria muito de nosso objetivo específico que é mostrar a importância destas exposições.

Considerações finais

Neste sentido colocamos como considerações finais deste artigo um olhar sobre a importância de exposições para a consagração do trabalho de um artista ou, no caso que apontamos como paradigmático, de uma obra.

Cardoso (2016) apresenta em um artigo o quanto foi importante para a história do modernismo a aquisição da pintura conhecida como *A Boba*, de Anita Malfatti. Esta pintura não havia participado “das famosas exposições de 1917 e 1922, consideradas como primeiras manifestações de pintura moderna no Brasil”.

Trata-se de uma pintura que foi exposta pela primeira vez 30 anos depois de sua realização não tendo sido “comentada pela crítica de arte, nem mesmo no grande número dos conhecidos textos sobre o movimento (CARDOSO, 2016, p. 2190). Da mesma maneira não fez parte das “exposições que são consideradas como as mais importantes de sua trajetória” (CARDOSO, 2016, p. 2191). Após estas considerações, a autora do artigo conclui:

(...) que a aquisição feita pelo MAM e a subsequente exposição da obra já na I Bienal de São Paulo deram um grande impulso para que *A Boba* passasse a ganhar mais destaque, a partir de então, nas leituras sobre o início do modernismo de São Paulo, como uma obra significativa do período americano de Anita Malfatti (CARDOSO, 2016, p. 2201).

O raciocínio apresentado pela autora sobre esta pintura permite o entendimento da recepção de uma obra e do papel que as instituições culturais, no caso, os museus desempenham na afirmação da importância desta obra.

A apropriação desta abordagem e sua aplicação às exposições de Stupakoff permite mostrar a importância de seu trabalho no contexto da arte fotográfica brasileira.

Das exposições apresentadas no artigo destacamos a da Petite Galerie, 1963, pela repercussão na época, vide crítica de Aracy Amaral (AMARAL, 1963) e textos em jornais de grande circulação como Folha de São Paulo (VIEIRA, 1963) e Estadão

(FOTOGRAFIAS..., 1963); a do MASP, 1978 também pela repercussão e influência no público (vide Bob Wolfenson, por exemplo); a da Fashion Week, 2005, como um marco de resgate de Stupakoff no Brasil - visto que essa exposição rendeu ao fotógrafo novos trabalhos para revistas brasileiras e interesse da mídia; a do IMS/2009 porque apresenta uma coletânea da obra do fotógrafo; e a mais recente de 2016/2017, também no IMS, pela perpetuação da memória do fotógrafo.

Notas

¹ Declaração ao jornal O correio paulistano. São Paulo, 27 de jan. 1963.

² A partir de 1976, publica livros de fotografias. Também pela Práxis foram editados outros fotógrafos como Lew Parrella, Cláudia Andujar e Maureen Bisilliat.

³ Comunicação pessoal de Bob Wolfenson, em 2017, cedida a Patricia Kiss Spineli.

⁴ Comunicação pessoal de Fernando Laszlo, em 2017, cedida a Patricia Kiss Spineli.

⁵ Essa galeria criada no final dos anos 1970 se destaca conjuntamente à criação da FUNARTE e da Fotogaleria como um novo ciclo de reconhecimento e organização da fotografia brasileira no final da década de 1970 (FERNANDES JÚNIOR, 2003).

Referências

AMARAL, Aracy. Um jovem amoroso do passado. *Brasil Urgente*, São Paulo, 17 mar. 1963.

BARDI, Pietro. [Telegrama] 26 mai. 1970, São Paulo [para] STUPAKOFF, Otto, New York. 1f. Manutenção do convite para futuras exposições.

CARDOSO, Renata Gomes. Arte moderna brasileira no acervo do MAC USP: o caso de A Boba, de Anita Malfatti. In: *25 Encontro Anpap*, Porto Alegre, 26 a 30 de setembro de 2016.

CHAGAS, Francisco. *Otto Stupakoff entrevista com Francisco Chagas no Over Fashion*, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pWUwSrmGtVU>. Acesso em: 18 maio 2017.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues. *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FERNANDES JÚNIOR, Rubens. Fotografia brasileira contemporânea: influências e repercussões. In: *Museu de Arte de São Paulo Coleção Pirelli*. São Paulo [s.n.], 1992. Catálogo de exposição 28 jul.1992 – 30 ago.1992, Museu de Arte de São Paulo.

_____. (org). Os momentos e movimentos da fotografia no Museu de Arte Brasileira. In: *Momentos e Movimentos: coleção de fotografias do MAB-FAAP*. São Paulo: Faap, 2002.

_____. (org.). Labirinto e identidades: panorama da fotografia no Brasil [1946 – 1998]. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. (org.). *Otto Stupakoff*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FOTOGRAFIAS e colagens serão expostas amanhã. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 jan. 1963.

GIOIA, Mario. Mostra exhibe colorido e viagens de Stupakoff. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.5, Ilustrada, 21 ago. 2009.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (Org.). *Sequências/Otto Stupakoff*: apresentação de Bob Wolfenson. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.

KNYCHALA, Catarina. *O livro de arte brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília, 1980.

KOSSOY, Boris. Memória da fotografia: o nascimento de uma coleção e repercussões. In: *Museu de Arte de São Paulo Coleção Pirelli*. São Paulo [s.n], 1991. Catálogo de exposição, 13 jun. 1991 – 7 jul. 1991, Museu de Arte de São Paulo.

PARELLA, Lew. Apresentação. In: PETITE GALERIE. *Otto Stupakoff; fotografias e colagens*: 21 de janeiro de 1963, Petite Galerie, Av. Paulista, 1731, São Paulo, SP, 1963. 1 folder.

REINA, Andrei. A beleza inquieta de Otto Stupakoff. *Revista Bravo*, São Paulo, 2016 Disponível em: <https://medium.com/revista-bravo/a-beleza-inquieta-de-otto-stupakoff-de7fcf99fa72>. Acesso em: 26 maio 2017.

SOARES, Carolina Coelho. *Coleção Pirelli-MASP de Fotografia*: fragmento de uma memória. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

STUPAKOFF, Otto, New York [Carta] 22 mai. 1970 [para] BARDI, Pietro, São Paulo. 1f. Recusa ao convite para expor no MASP.

STUPAKOFF, Otto. depoimento [22 abr.1978]. Entrevistador: José Nogueira. São Paulo: MIS-SP, 1991. 2 cassetes sonoros. Entrevista concedida a revista Interview.

TABOADA, Cynthia Elias. *O tratamento documental de coleções fotográficas em museus de arte*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) Pós Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TESSITORE, Mariana. Beleza e estranhamento na obra de Otto Stupakoff. *Revista Brasileiros*, dez., 2016. Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2016/12/beleza-e-estranhamento-na-obra-de-otto-stupakoff>>. Acesso em 20 jan. 2017.

WOLFENSON, Bob. *Cartas a um jovem fotógrafo*: o mundo através das lentes. São Paulo: Elsevier, 2009.

VELASCO, Suzana. IMS expõe gravuras e fotografias. *Jornal O Globo*, Caderno 2, Rio de Janeiro, p. 1, 17 fev. 2009.

VIEIRA, Geraldo. Otto Stupakoff. *Folha de São Paulo*, Cad. 2, São Paulo, p. 3, 31 jan. 1963.

Patricia Kiss Spineli

Doutoranda em Artes Visuais pela Unicamp (2013 - 2017). Mestre e Bacharel em design pela Universidade Estadual Paulista – Unesp e Especialista em fotografia pela Universidade

Estadual de Londrina (2008). Em suas pesquisas dedica-se ao estudo da fotografia dentro do campo do processo de criação.

Edson do Prado Pfützenreuter

Doutor em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Professor do programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unicamp. Em suas pesquisas, dedica-se à crítica de processo criativo, artes visuais e semiótica peirceana.